



JOURNAL OF
GLOBAL STUDIES

ISSN 1518-1219

<http://www.meridiano47.info>

Vânia Carvalho Pinto

Universidade de Brasília, Instituto de
Relações Internacionais, Brasília – DF,
Brazil (vcp.unb@gmail.com).

Humberto Correa

Universidade de Brasília, Instituto de
Relações Internacionais, Brasília – DF,
Brazil (humberto.correa29@gmail.com).

Fernanda de Medeiros

Universidade de Brasília, Instituto de
Relações Internacionais, Brasília – DF,
Brazil (medeirosfls@gmail.com).

Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



O caso prático como método de ensino em teoria das relações internacionais: o programa nuclear iraniano segundo os níveis de análise

The practical case as a teaching method in international relations theory: the Iranian nuclear program according to the levels of analysis

DOI: <http://dx.doi.org/10.20889/M47e18010>

Meridiano 47, 18: e18010, 2017

Resumo

Este artigo apresenta o caso prático como instrumento importante para o desenvolvimento da aprendizagem ativa (*active learning*) no contexto do ensino de teoria das relações internacionais para alunos de graduação. Com foco no estímulo à aprendizagem e na retenção do conceito de níveis de análise, este artigo detalha a aplicação de um caso prático sobre o programa nuclear iraniano, e a sua respectiva resolução em sala de aula.

Abstract

This article presents the practical case as an important instrument for the development of active learning within the context of teaching theory of international relations for undergraduate students. Focusing on stimulating learning and on knowledge retention of the concept of levels of analysis, this article details the application of a practical case about the Iranian nuclear program, and its respective resolution in the classroom.

Palavras Chaves: Aprendizagem ativa; níveis de análise; programa nuclear iraniano.
Keywords: Active learning; levels of analysis; Iranian nuclear program.

Recebido em 29 de Março de 2017

Aprovado em 02 de Maio de 2017

Introdução: o caso prático como técnica de *active learning*

Este artigo debruça-se sobre a utilização de casos práticos como método de aprendizagem ativa (*active learning*).¹ Apresenta-se aqui um caso prático pensado para o ensino de teoria das

1 Impõem-se aqui duas clarificações terminológicas: a primeira diz respeito ao uso do conceito "caso prático". Em primeiro lugar, diferenciamos estudos de caso de casos práticos na medida em que os primeiros visam analisar casos empíricos específicos, enquanto que os segundos almejam a aprendizagem de uma estrutura teórica que pode ser aplicada a qualquer realidade sob estudo. Em relação à segunda, na tradução do conceito de *active learning*, optou-se pela utilização do termo aprendizagem em vez de aprendizado por, na opinião dos autores, aquele melhor denotar a ideia de processo.

relações internacionais ao nível do terceiro semestre de graduação, baseado na aplicação dos níveis de análise ao programa nuclear do Irã.

A aprendizagem ativa é uma abordagem pedagógica que visa ir além de métodos tradicionais de ensino – palestras, anotações e leituras – em favor de uma aprendizagem centrada nos estudantes como construtores ativos do próprio conhecimento (Krain 2010, 292). Como se trata de um processo em que os estudantes não são meros espectadores passivos, “receptores” de informação; esses métodos tendem a amplificar a retenção de conhecimento (Lantis, Kille e Krain 2010). De fato, em aulas de relações internacionais (RI) são geralmente utilizadas cinco técnicas de aprendizagem ativa: estudos de caso, textos e filmes/documentários ditos alternativos (e.g. filmes, romances literários e artigos de imprensa), simulações e jogos, tecnologia e aprendizagem por meio da prestação de serviços à comunidade. A grande vantagem destes métodos reside no seu potencial em encorajar a reflexividade crítica (Krain 2010, 291-292; Morgan 2003, 351-352), e no desenvolvimento da capacidade de inter-relacionar conceitos com a realidade empírica (Lantis, Kille and Krain 2010, 2). De fato, pesquisas no âmbito da psicologia da educação têm demonstrado que as abordagens de aprendizagem ativa, ao encorajarem a expressão dos alunos sobre assuntos complexos da realidade internacional, facilitam o desenvolvimento do pensamento crítico de maneira mais eficaz do que as técnicas tradicionais de aprendizagem (Lamy 2007, 114; Morgan 2003, p. 352-354).

Os estudos de caso são uma técnica particularmente interessante que, na nossa experiência, tem sido bastante eficiente no ensino de teoria das relações internacionais (TRI). São exercícios estruturados que possibilitam que os estudantes apliquem o conhecimento teórico adquirido em sala de aula a eventos concretos da política internacional. Ao confrontar problemas reais das relações internacionais, os alunos vivenciam, em ambiente didático controlado, as complexidades, ambiguidades e incertezas inerentes à política internacional (Golich 2000, 12). A escolha de eventos da atualidade para compor os estudos de caso tende a ampliar o interesse dos estudantes na atividade, já que adquirem a capacidade de analisar, de maneira estruturada, temas de destaque no noticiário internacional e que, frequentemente, são objetos de discussão com colegas e familiares (Carvalho Pinto 2016, 38). O debate deve, naturalmente, ser orientado pelo(a) professor(a), mediante o encorajamento da verbalização de ideias e de promoção de uma reflexão conjunta ao final do exercício (Inoue and Krain 2014; Krain 2010; Lamy 2007).

O estudo de caso apresentado por este artigo consiste na análise do programa nuclear iraniano sob o prisma dos níveis de análise. Este exercício toma os níveis de análise na sua vertente mais simples, de modo a adaptá-los a uma audiência de terceiro semestre. Naturalmente, a seleção de autores poderá e deverá ser alterada pelo(a) professor(a) em função dos objetivos de aprendizagem que pretende atingir. Os níveis de análise são um referencial atraente, tanto pela sua simplicidade quando utilizados na sua forma mais básica, quanto pelas possibilidades de aplicação a casos reais. Por esse motivo, e como o que se objetiva neste artigo é a apresentação de um exercício didático, far-se-á um breve arrazoado do estado da arte sobre esta temática, de modo a apresentar ao leitor as várias vertentes passíveis de exploração, para que o(a) professor(a) que eventualmente decida utilizá-lo possa adaptar o exercício aos seus objetivos pedagógicos.

O programa nuclear iraniano apresenta um caso empírico interessante para a aplicação da aprendizagem ativa graças tanto à relevância do tema na política internacional contemporânea quanto à importância dos atores envolvidos. O programa gerou um enorme impasse diplomático até que culminou em um acordo multilateral, o Plano Conjunto de Ação Compreensiva (2015).² Este compromete o Irã a permitir a entrada de inspetores da ONU e a não expandir o seu arsenal ou desenvolver urânio enriquecido, em troca do fim das sanções internacionais que estrangulam a economia doméstica (JCPA, 2015). Ainda que anunciado com regozijo pelas partes, o acordo não é definitivo, dependendo fortemente da vontade política dos *decision-makers* envolvidos. Questões como as motivações reais e aparentes do Estado iraniano para desenvolver a tecnologia nuclear, os efeitos sistêmicos gerados por esse programa e as potenciais alterações provocadas pela mudança nas lideranças políticas dos principais atores envolvidos no caso, ou seja, Estados Unidos e Irã, são todos temas que se prestam particularmente a um exercício em teoria das relações internacionais.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: a primeira seção faz uma breve introdução aos níveis de análise, seguido da apresentação do enunciado, e da metodologia proposta, em casa e em sala de aula. A seção é pontuada por breves inserções – no texto e em notas de rodapé – incidindo sobre questões preparatórias e de resolução do caso prático, assim como reflexões sobre as limitações do exercício, algumas delas no formato “Nota ao (à) Professor(a)”. Optou-se por esta estruturação em vez de uma seção separada de modo a oferecer uma leitura fluida e prática ao (à) professor(a) sobre a constituição do exercício. Segue-se a apresentação da literatura recomendada para o caso prático, seguida de uma discussão exemplificativa sobre cada um dos níveis de análise. Finaliza-se o artigo com alguns comentários finais acerca da aplicabilidade da estrutura oferecida por este caso prático para outras situações empíricas.

Os níveis de análise: breve discussão

A origem dos níveis de análise nas TRI remonta ao livro *O Homem, o Estado e a Guerra* (1959), em que Kenneth Waltz apresenta explicações sobre as origens da guerra com base em três “imagens”: o indivíduo, o Estado e o sistema internacional. Com base nas imagens de Waltz, J. David Singer, em artigos de 1960 e de 1961, avança a teorização dos níveis de análise, um conceito que se mantém premente na disciplina até hoje. A teorização de Singer inseriu-se em um esforço acadêmico mais abrangente que decorria ao longo da década de 60, e que consistia em tornar o estudo das RI mais rigoroso e metodologicamente robusto (Buzan 1995, 199). A proposta base era a de aproximar a disciplina do estudo das ciências naturais por meio da adoção do behaviorismo metodológico.³ Na época, esta corrente opunha-se ao chamado “tradicionalismo” que defendia a manutenção dos métodos ditos tradicionais no estudo da disciplina recorrendo, nomeadamente, ao direito, à filosofia

2 A versão completa do Plano Conjunto de Ação Compreensiva (JCPA, na sigla em inglês) pode ser acessada no endereço: <https://www.state.gov/documents/organization/245317.pdf>. (JCPA, 2015).

3 Ver, por exemplo, Morton Kaplan (1957, 1966) e Hedley Bull (1966) para posições opostas no debate.

e à história. Esta discussão relativamente a qual deveria ser o método de estudo da disciplina ficou conhecida como o segundo debate das relações internacionais (cf. Waeber, 1995).

Waltz retomou o tema dos níveis de análise em *Teoria da Política Internacional* (1979), obra em que lançou as bases do realismo estrutural. Em sua nova proposição, Waltz distingue dois níveis de análise: o sistêmico e o unitário. Para o autor, teorias sistêmicas são as que concebem causas para o comportamento e interação dos Estados a nível do sistema internacional; e as que buscam fundamentações a nível individual ou nacional – ou seja, que operam no nível da unidade – são reducionistas (Waltz 1979, 18).⁴ No livro, Waltz propõe uma teoria sistêmica das relações internacionais, cuja enorme influência resultou na preeminência do nível de análise sistêmico nas obras da disciplina.⁵ Por sua vez, os fenômenos políticos pertencentes a outros níveis permaneceram teoricamente subdesenvolvidos na teoria e foram “despejados” (*dumped*, na expressão original de Keohane & Nye 1987, 746; e de Buzan 1995, 206-210) por Waltz em apenas uma categoria, a unidade. A categorização de Waltz em relação aos níveis de análise sofreu diversas críticas, o que encorajou o surgimento de novos debates sobre o tema. Tanto por questões de escopo do artigo quanto pelo espaço disponível, limitamo-nos a apresentar sinteticamente três pontos do debate sobre níveis de análise que se mantêm prementes na disciplina. Estes são: a distinção entre nível e objeto (ou unidade) de análise; a discussão de quais e quantos são os níveis de análise nas RI; assim como a relação entre os níveis de análise e o debate ontológico agente-estrutura na disciplina.

A primeira questão diz respeito à necessidade de diferenciação entre nível e objeto (ou unidade) de análise. Como aponta A. Nuri Yurdusev (1993, 77), desde a formulação de Singer (1961) que se tornou costumeiro utilizar os termos como sinônimos. Barry Buzan (1995, 202-203) argumenta que a obra de Waltz (1979) aumentou a confusão entre nível e objeto de análise, já que o autor trata sistema e unidade tanto como variáveis dependentes – cujo comportamento ou identidade se busca compreender –; quanto como variáveis independentes, ou seja, fontes de explicação para o comportamento internacional. A confusão entre os termos pode ser evitada se definirmos nível de análise, seguindo Owen Temby (2015, 728, tradução nossa), como “uma estrutura social examinada com base em seus efeitos em outra estrutura social, ou na mesma estrutura social”. À estrutura contingente dá-se o nome de unidade de análise. Nesse sentido, o nível de análise consiste no nível de agregação social (indivíduo, Estado, ou sistema internacional, por exemplo) em que são apontadas variáveis independentes que, por sua vez, explicam o comportamento ou que constituem a identidade da variável dependente (unidade de análise) (Temby 2015, 728; Wendt 1991, 387). Nesse sentido, nível e unidade podem tanto *coincidir* quanto *divergir* empiricamente. Por exemplo, a disposição de alianças dentro de um sistema (unidade de análise: sistema) pode ser compreendida com base em explicações no nível do próprio sistema – como, por exemplo, a unipolaridade ou multipolaridade –

4 A oposição waltziana entre os conceitos de “sistêmico” (termo de cariz metodológico) e “reducionista” (termo que remete ao debate ontológico entre holismo e reducionismo) foi amplamente criticado por confundir ontologia e metodologia (cf. Ashley 1984; Wendt 1987, 1990; Buzan 1995; Temby 2015).

5 Outras conceptualizações sobre os níveis de análise foram publicadas desde os anos 1960 (e.g. Rosenau 1966; Moul 1973; Hollis and Smith 1990; Buzan 1995), com destaque para os “jogos de dois níveis” de Robert Putnam (1988).

ou com fundamento em explicações oriundas de outros níveis – como, por exemplo, a personalidade dos líderes internacionais (nível de análise: indivíduo).

A segunda questão diz respeito à discussão sobre quantos e quais seriam os níveis de análise existentes nas relações internacionais (Buzan 1995, 201-205). Como visto acima, a disciplina tradicionalmente distingue três níveis de análise – o indivíduo, o Estado e o sistema –, sendo que os dois primeiros são por vezes agregados em um único nível (“a unidade” de Waltz [1979]), enquanto que o terceiro é o mais privilegiado na maioria das análises da disciplina. Alguns autores sugerem ainda a inserção de outros níveis, como a burocracia estatal (Hollis & Smith, 1990), o sistema regional (Hurrell, 2007) ou ambos (Buzan, 1995). Em última instância, a categorização em mais ou menos níveis é uma escolha discricionária do pesquisador. A definição relacional apresentada acima pressupõe que existem tantos níveis de análise quanto o número de estruturas sociais, e estas poderão, em última análise, ser inclusivamente infinitas (Temby 2015, 732).

O terceiro – e talvez mais frutífero – debate relaciona os níveis de análise ao debate ontológico entre agente e estrutura nas RI. Desde a sua estruturação teórica por Singer (1961), o emprego dos níveis de análises foi visto como uma ferramenta fundamentalmente metodológica. Contudo, em um debate com Alexander Wendt (1991, 1992), Martin Hollis e Steve Smith (1990, 1991, 1992) enfatizaram que a escolha metodológica para analisar o comportamento de um ator não pode ser resolvida sem que se realizem assunções ontológicas sobre o que significa ser um ator e sobre qual a sua relação com a estrutura em que está inserido (Hollis & Smith 1991, 395; 1992, 188). Em uma tentativa *a posteriori* de solucionar o debate, Temby (2015) ecoa o posicionamento de Wendt e defende que a escolha metodológica de um nível de análise qualquer é compatível com posicionamentos distintos no debate ontológico entre agente e estrutura. Nesse sentido, um mesmo nível de análise, como o sistema internacional, comporta tanto teorias que privilegiam o holismo ontológico, como o construtivismo; quanto aquelas as que privilegiam o atomismo, como o neorealismo (Temby 2015, 734-736).⁶

Não sendo unidades analíticas estanques, na prática os níveis de análise sobrepõem-se, dado que aspectos sistêmicos, decisões individuais e movimentos domésticos integram, em última instância, uma mesma realidade sócio-política cujas dimensões se influenciam mutuamente. Contudo, para efeitos de compreensão acerca do que são níveis de análise no contexto do caso prático que aqui se apresenta, é desejável que os alunos consigam separar os vários elementos entre os distintos níveis. Para todos eles, o *objeto de análise* – i.e. a variável dependente que se deseja explicar – é o programa nuclear iraniano. Ressaltamos que, para alunos de graduação que estão tendo o seu primeiro contato com níveis de análise e com as TRI, o fundamental é que entendam, com clareza, o que são níveis de análise e que consigam aplicá-los a um caso empírico específico. Debates quanto às implicações ontológicas e epistemológicas inerentes à escolha de determinados níveis requerem conhecimento que geralmente não faz parte de programas de terceiro semestre. Fica, no entanto, à discrição do(a) professor(a) a complexificação do exercício em função dos objetivos pedagógicos que pretenda atingir. Segue-se abaixo o caso prático proposto.

6 A classificação ontológica do neorealismo como atomista (ou reducionista) não é unânime, tendo sido um ponto central de discussão no debate entre Hollis & Smith (1990, 1991, 1992) e Wendt (1987, 1991, 1992).

Caso prático: Os níveis de análise aplicados ao programa nuclear iraniano

Enunciado⁷

Pergunta:

Como explicar o posicionamento internacional do Irã acerca do desenvolvimento do seu programa nuclear? Colecione os diferentes argumentos dentro de cada nível de análise. Indique se, na opinião do grupo, o seu nível de análise é o mais adequado para explicar a persistência do programa apesar da oposição internacional que este tem suscitado.

Utilize o seguinte esquema para elaborar o seu roteiro de resposta:

Metodologia:

Em casa: A fim de se prepararem para o caso prático, os alunos devem fazer a leitura dos materiais indicados. É aconselhável que eles percorram toda a literatura relativa aos vários níveis de análise, não só para se familiarizarem com o tema, mas também para escolherem aquele que mais lhes aprouver.

Em sala de aula: A turma deve dividir-se em grupos de cerca de quatro alunos.⁸ Cada grupo deverá elaborar um roteiro de resposta à pergunta segundo o esquema acima e de acordo com o nível de análise escolhido. Os alunos devem levar os materiais para consulta em sala de aula. Cada grupo terá cerca de 45 minutos para elaboração da resposta, restando cerca de 40 minutos para apresentação dos resultados de todos os grupos e discussão.

Os níveis escolhidos para a apresentação deste caso prático são os três habituais: estado, sistema internacional e indivíduo. Note-se que o(a) professor(a) pode escolher mais ou menos níveis em função do nível de dificuldade que pretender atribuir ao exercício, e do número de alunos presentes em sala de aula. A utilização de três níveis de análise presta-se à composição mínima de três grupos com quatro estudantes cada (12 alunos). Se a turma for muito grande, é aconselhável atribuir um mesmo nível de análise (por exemplo, estado) a dois grupos. É um modo de estimular a discussão e que pode inclusivamente levar ao surgimento de ideias novas. Alternativamente, em contextos de turmas muito grandes, o(a) professor(a) pode também decidir incluir mais níveis de análise (por exemplo, desagregar Estado em economia, sociedade e cultura; ou incluir o nível sistema regional).

7 Nota ao (à) professor(a): o enunciado e os materiais de leitura devem ser divulgados com antecedência (em ambiente *online*, por exemplo), de modo a que haja tempo suficiente para que os alunos façam a leitura requerida.

8 Nota ao(a) professor(a): A composição do grupo e a escolha do nível devem ser deixadas à discricção dos alunos. O(A) professor(a) somente deve garantir que os vários grupos não apresentam desequilíbrios numéricos (por exemplo, um grupo com seis estudantes e um outro com quatro). Como a gestão do tempo é essencial, o(a) professor(a) deve facilitar o máximo possível a constituição rápida dos grupos.

O esforço de leitura dos alunos para a preparação do caso prático aumenta com a introdução de mais níveis de análise, o que se justifica pela necessidade de adquirir familiaridade com um maior número de assuntos. Caso a turma seja numerosa, é também aconselhável a realização de um controle de leitura curto sobre o material do caso prático de modo a facilitar a identificação dos alunos que se prepararam, ou não, para a atividade. De referir que a eficiência pedagógica dos casos práticos pressupõe o engajamento ativo da turma na atividade;⁹ por isso, escolher um tema atual para o caso prático é essencial para manter os alunos interessados.

Durante a discussão, é possível que existam discrepâncias de opinião dentro do grupo. No debate final e reflexão entre os grupos mediada pelo(a) professor(a), deve ser encorajada a verbalização de eventuais visões díspares, desde confluências de opinião entre membros de grupos diferentes, a convergências entre grupos sobre qual o nível de análise mais relevante para a explicação do fenômeno. De fato, acontece frequentemente que grupos convirjam para o entendimento de que um certo nível de análise, não necessariamente o seu, seja o mais adequado.

Literatura

Textos teóricos:

Singer, J. David. "International Conflict: Three Levels of Analysis". *World Politics* 12, n. 3 (1960): 453-461.

Singer, J. David. "The Level-of-analysis Problem in International Relations". *World Politics* 14, n. 1 (1961): 77-92.

Para os níveis de análise:

Estado

Katouzian, Homa. "The Iranian Revolution at 30: The Dialectic of State and Society". *Middle East Critique*, 19, n. 1 (2010): 35-53.

Este artigo apresenta os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que levaram a sociedade iraniana a se revoltar contra a monarquia. A partir destes, a autora analisa a construção sociopolítica da revolução e as suas repercussões na relação entre a sociedade e o Estado iraniano. Este texto permite compreender o *ethos* do Estado iraniano, cujas raízes estão solidamente fincadas no ideal revolucionário de 1979.

9 Nota ao(a) professor(a): Na experiência dos autores, os alunos tendem a interessar-se bastante pela atividade. Contudo, há sempre pessoas que se preparam menos para a realização do caso prático. O(A) professor(a) e os monitores (caso os hajam) devem circular pela sala durante a realização do exercício para esclarecer eventuais dúvidas, ouvir um pouco das discussões de cada grupo e, caso seja necessário, corrigir a direção do debate.

Chubin, Shahram. “Iran’s Power in Context”. *Survival*, 51, n.1 (2009): 165-190

Esta leitura faz uma análise ampla das ambições iranianas e de como foram construídas e mantidas diante dos desafios enfrentados pelo país, incluindo o *backlash* internacional contra o seu programa nuclear. O autor revisita os ideais revolucionários do país, de seus governantes, bem como as ambições e os medos iranianos tanto nos cenários regional como internacional.

Peterson, Sabrina M. “Iran’s deteriorating economy: an analysis of the economic impact of Western sanctions”. *International Affairs Review, The Elliott School of International Affairs at George Washington University*. 15 de julho de 2012, <http://www.iar-gwu.org/node/428>.

Este artigo mostra o impacto das sanções econômicas sobre o Irã: alta inflação, problemas de abastecimento, crise do sistema de subsídios e desvalorização da moeda. Peterson questiona os efeitos colaterais das sanções econômicas em termos do seu potencial radicalizador da sociedade.

Williams, Tripp. “What Khamenei’s approval of the nuclear deal means for Iran’s political future”. *Global Risk Insights*. 7 de março de 2016. <http://globalriskinsights.com/2016/03/what-khameneis-approval-of-the-nuclear-deal-means-for-irans-political-future/>.

O artigo expõe o acordo nuclear como reflexo de uma estratégia política do aiatolá Khamenei para aproximar-se dos setores moderados da sociedade iraniana e para pôr fim às sanções que estrangulavam a economia do país.

Dehghan, Saeed Khamali. “Sanctions on Iran: ‘ordinary people are the target’”. *The Guardian*, 10 de Agosto de 2012. <https://www.theguardian.com/world/2012/aug/10/sanctions-iran-ordinary-people-target>.

Dehghan mostra os efeitos das sanções econômicas no dia a dia dos iranianos, que passaram a enfrentar desabastecimento de alimentos e problemas em obter crédito. O autor questiona a ideia de que, como resultado das dificuldades econômicas, a população pressionaria o governo no sentido de eliminar as sanções.

“Iran nuclear deal won’t change policy towards US, says ayatollah Khamenei.” *The Guardian*. 18 de julho de 2015. <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/18/iranian-nuclear-deal-change-policy-us-ayatollah-ali-khameini>.

Em discurso televisionado, o aiatolá Ali Khamenei anunciou que, apesar do acordo nuclear recém-assinado, a política do Irã em relação à presença dos Estados Unidos no Oriente Médio não seria alterada. As negociações limitar-se-iam ao programa nuclear.

Sistema Internacional

Waltz, Kenneth. “Why Iran should get the bomb: nuclear balancing would mean stability.” *Foreign Affairs*. 15 de julho de 2012. <https://www.foreignaffairs.com/articles/iran/2012-06-15/why-iran-should-get-bomb>.

Seguindo a noção de *détente*, Kenneth Waltz defende que o Irã deveria ser livre para desenvolver o seu programa nuclear. Na sua opinião, um Irã nuclear geraria mais segurança e estabilidade no Oriente Médio ao elevar para dois (juntamente com Israel), o número de países na região com poder nuclear. O autor, contudo, argumenta que uma saída diplomática é “improvável”, o que pode vir a ser desmentido pelo eventual êxito do acordo nuclear alcançado em 2015.

Sagan, Scott, Kenneth Waltz & Richard K. Betts. “A Nuclear Iran: promoting stability our courting disaster?” *Journal of International Affairs* 60, n. 2 (2007): 135-150.

Neste texto são discutidos os benefícios e os perigos que o programa nuclear iraniano trariam ao sistema internacional, através da apresentação de posições opostas.

Bazzi, Mohammad. “Obama may be preaching ‘tough love’ to Saudi – but arms sales tell another story”. *The Guardian*, 22 de abril de 2016. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/22/us-saudi-arabia-weapons-arms-deals-foreign-policy>.

Apesar das tensões na relação entre os EUA e a Arábia Saudita, a administração Obama autorizou, desde 2010, um recorde de 60 bilhões de dólares em vendas de armas à Arábia Saudita. Desde então, já foram concluídos acordos no valor de 48 bilhões.

Smolczyk, Alexander e Bernhard, Zand. “A quiet axis forms against Iran in the Middle East.” *Spiegel Online*. 15 de julho de 2010. <http://www.spiegel.de/international/world/persian-isolation-a-quiet-axis-forms-against-iran-in-the-middle-east-a-706445.html>.

O artigo relata uma inesperada aliança entre a Arábia Saudita e os demais países árabes do Golfo com Israel. Nesse caso, ainda que desconfiados do regime israelense, os países árabes apoiariam um ataque contra o Irã, uma vez que o Irã nuclear é considerado uma ameaça regional superior àquela colocada pelo país judeu.

“Iran fires two missiles marked ‘Israel must be wiped out’”. *The Independent*. 9 de março de 2016. <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/iran-fires-two-ballistic-missiles-marked-israel-must-be-wiped-out-a6920741.html>

O artigo relata um teste de mísseis balísticos realizados pelo Irã, em que os mísseis carregavam a frase “Israel deve desaparecer da Terra” em hebraico. A notícia relata, ainda, declarações dadas por militares iranianos em que o Estado de Israel é explicitamente mencionado e hostilizado, bem como o fato de que o teste foi realizado mesmo com objeções por parte dos Estados Unidos.

Theodoulou, Michael. “Iran to build more nuclear reactors in Bushehr quake zone”. *The National*, 11 de abril de 2013. <http://www.thenational.ae/news/world/middle-east/iran-to-build-more-nuclear-reactors-in-bushehr-quake-zone>.

De caráter informativo, essa notícia relata os planos iranianos de construir mais reatores em região próxima à fronteira do Irã com outros países, onde terremotos são frequentes. Localizado em

uma região geologicamente instável, o país conseguiu ainda assim garantir a segurança de seu reator na região de Bushehr, que escapou ileso de um terremoto em 2013.

Barzegar, Kayhan. “Balance of Power in the Persian Gulf: an Iranian View”. *Middle east Policy*, 17, n. 3, (2010): 74-87.

Este texto incide sobre uma visão iraniana da configuração geopolítica de poder na região do Golfo Pérsico. A ideia central é a de que o Irã não sente que a atual situação reflita o poder que lhe é devido sua dimensão e história.

al-Otaiba, Yousef. “In conversation: UAE Ambassador Yousef al-Otaiba.” The Aspen Institute: The Aspen Ideas Festival, 2010, <https://www.aspenideas.org/session/conversation-uae-ambassador-yousef-al-otaiba>. Acesso em: 30 de abril de 2017.

Uma entrevista dada pelo embaixador emirati em Washington em que afirma a necessidade de bombardear o Irã. Afirma que o seu país prefere lidar com as consequências regionais desse ato do que conviver com um Irã nuclear.

Indivíduo

Anoushiravan, Ehteshami and Zweiri Mahjoob. “The Ahmadinejad Phenomenon”. In *Iran and the Rise of its Neoconservatives: The Politics of Tehran’s Silent Revolution*, 49-72. London and New York: I. B. Tauris, 2007.

Este capítulo de cariz biográfico analisa a vida do antigo presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad. Apresenta o perfil do político, conectando os seus ideais pessoais e trajetória com o desenvolvimento do neoconservadorismo no Irã a partir de 2005.

“Statement by Mahmoud Ahmadinejad before the 2010 NPT Review Conference Council on Foreign Relations.” *Council on Foreign Relations (CFR)*. 2010. <http://www.cfr.org/iran/statementmahmoudahmadinejadbefore2010nptreviewconference/p22041>.

Neste discurso, Mahmoud Ahmadinejad condena o uso e a politização de armas nucleares, bem como a instrumentalização dos órgãos internacionais responsáveis pela sua fiscalização. Vários princípios ideológicos são identificáveis neste discurso. Destaque para a sua desconfiança para com o Conselho de Segurança e o sistema das Nações Unidas como um todo que o então presidente acusa de ter “*double standards*”.

El-Shenawi, Eman. “Goodbye Ahmadinejad: Remembering the gaffes and diplomatic blunders”. *Al-Arabyia English*, 13 de junho de 2013. <http://english.alarabiya.net/en/special-reports/iran-elections-2013/2013/06/13/Ahmadinejad-legacy-in-Iran-Economic-ruins-and-diplomatic-gaffes-.html>.

Em um artigo escrito no fim do segundo mandato de Ahmadinejad à frente do Irã, Eman El-Shenawi avalia o legado deixado pelo presidente. Ele avalia que apesar da controvérsia que envolve a sua presidência, a postura de Ahmadinejad em relação ao programa nuclear e às potências ocidentais foi considerada pela sociedade iraniana um dos melhores aspectos de sua presidência.

Menashri, David. "Hassan Rouhani: Iran's New Hope for Change." *Strategic Assessment* 16, n. 2 (2013), 7-21.

Neste artigo sobre o atual presidente iraniano Hassan Rouhani, David Menashri questiona se Rouhani realmente representa uma mudança para a política iraniana. O autor destaca as declarações conservadoras feitas pelo presidente e relembra o fato da sua candidatura ter sido aprovada pelo Conselho de Guardiões, o que mostra que as visões do novo presidente são, pelo menos parcialmente, alinhadas com as do aiatolá Khamenei. Por fim, a eleição de Rouhani é vista pelo autor como uma "nova oportunidade" para negociações diplomáticas com o Ocidente.

Bar-El, Zvi. "A Year After His Election, Rouhani Is Changing Iran Without Shaking It Up". *Haaretz*, 14 de junho de 2014. <http://www.haaretz.com/middle-east-news/.premium-1.598619>

Neste artigo, escrito cerca de um ano após a eleição presidencial, Rouhani é apresentado como um "agente estabilizador". Alguma melhoria econômica, menor repressão política, proximidade de Rouhani com o aiatolá Khamenei, assim como uma boa impressão acerca do Presidente junto do Ocidente, contribuíram para este quadro.

Discussão exemplificativa sobre cada Nível

Estado

Neste caso prático, o nível de análise "Estado" compreende, *grosso modo*, a política, economia e sociedade do país. Torna-se, portanto, necessário, rever brevemente a história contemporânea iraniana de modo a entender as motivações do país para o desenvolvimento de um programa nuclear. A revolução islâmica de 1979 foi central nesse sentido. De uma monarquia, o Irã foi transformado em uma república teocrática *shiita* caracterizada pelo rompimento com as políticas de um regime considerado corrupto (Katouzian 2010, 49). Além disso, e paralelamente às mudanças de política interna, o novo regime adquiriu também um *ethos* antimonárquico e revolucionário, não só a nível de sua narrativa de coesão nacional, como também na política externa. A importância do programa nuclear vai além das suas dimensões políticas e de segurança. Em termos econômicos, a utilização da energia nuclear foi apresentada como uma opção econômica válida para o Irã devido às sanções que pesavam sobre o país há várias décadas (Peterson 2012). Seria uma fonte alternativa ao petróleo e ao gás natural, mais rentável e sustentável, e que poderia constituir a base para seu desenvolvimento.

Para além desta dimensão, a prossecução do programa nuclear tornou-se também um sinônimo de união e de afirmação nacional celebrando-se, inclusivamente, um Dia Nacional da Tecnologia Nuclear a 9 de abril. O programa nuclear tornou-se, assim, um símbolo da independência e da soberania iraniana em face de um ocidente que, de acordo com essa narrativa, desrespeita os direitos do país. Neste sentido, e dado que a prossecução do programa nuclear se tornou interligada à ideia de nação, concessões a serem feitas num eventual acordo teriam que ser explicadas ao povo iraniano.

Estas foram justificadas primariamente pela necessidade de atenuar a crise econômica que tinha sido gerada pelas sanções. O fim dos subsídios para o combustível, cujo fim precipitou o aumento do desemprego (Peterson, 2012); assim como as dificuldades em importar remédios e em realizar transações financeiras (Dehghan, 2012) foram apenas algumas das consequências para a população iraniana. Autores como Tripp Williams (2016), afirmam que esse cenário impeliu o governo à assunção de um pragmatismo moderado a fim de minorar as pressões populares, o que se traduziu na concordância do aiatolá Ali Khamenei para que o presidente Hassan Rouhani começasse a negociar com o Ocidente. A flexibilização da política externa seria, assim, um fator importante na sobrevivência do regime (Williams 2016). Contudo, mesmo tendo alcançado um acordo, o aiatolá Khamenei declarou que não haverá outras mudanças bruscas na política externa iraniana, e que continuará apoiando os seus aliados no Oriente Médio, como o Hezbollah e a Autoridade Palestina (Iran nuclear deal, 2016).

Resposta:

O Irã persiste na manutenção do programa nuclear por várias razões ligadas à situação econômica e política, assim como à narrativa nacional do país. O *ethos* revolucionário, assim como o caráter de “anti-herói em defesa dos oprimidos”, faz com que a polêmica do programa nuclear alimente a própria narrativa interna iraniana. A criação de um inimigo externo permitiu manter uma imagem perpétua de desafio perante as potências ocidentais em geral, particularmente os EUA, e desviar o foco da performance econômica do governo. De fato, depois dos sacrifícios econômicos que o país empreendeu pelo programa nuclear, é preciso que a liderança apresente bons motivos para abandoná-lo ou mesmo para flexibilizá-lo.

Indivíduo

Dado que a existência deste programa nuclear é conhecida há mais de vinte anos, não seria profícuo utilizar somente o perfil de Hassan Rouhani para este exercício, dado que ele está no poder há menos de quatro. Na impossibilidade de utilizar os perfis de todos os presidentes iranianos das últimas duas décadas (pois isso traduzir-se-ia numa carga excessiva de leitura para os alunos), sugere-se que se utilize os perfis de Mahmoud Ahmadinejad e de Hassan Rouhani, com maior ênfase no primeiro, devido aos seus esforços na prossecução do programa nuclear. Isso permitirá também focar no contraste das diferenças entre as políticas seguidas por ambos. Neste nível de análise, importam as características pessoais e políticas do líder e de como estas podem influenciar as decisões políticas relativamente aos rumos do programa.¹⁰

Um líder carismático, Mahmoud Ahmadinejad apresentou-se como o “campeão dos oprimidos” favorecendo, assim, um discurso populista e nacionalista. De formação conservadora, o ex-presidente

10 Curiosamente, ao longo dos anos em que este caso prático foi aplicado e que coincidiram com a presidência de Ahmadinejad, este nível sempre foi considerado pelos alunos como o menos útil para entender a persistência na prossecução do programa nuclear. Contudo, cerca de dois anos após a posse do novo presidente, surgiu o acordo, o que levou turmas mais recentes a considerarem este nível como o mais importante.

atuou na Revolução Iraniana e, por meio de seu ativismo religioso, ingressou na carreira política como prefeito de Teerã. O seu estilo de vida frugal e preocupação com as camadas mais desfavorecidas foram centrais para o seu sucesso político (Anoushivaran & Mahjoob 2007). Nos discursos de Ahmadinejad eram patentes as referências à necessidade de mudança de uma ordem internacional injusta, envoltas em alusões religiosas (Statement by Mahmoud Ahmadinejad, 2010). Ahmadinejad apresentava-se como um líder anti-imperialista, em particular contra a ameaça colocada pelos EUA aos direitos iranianos. O antigo presidente era visto por muitos como um populista movido pela ideologia conservadora do clero (Chubin 2009, 175). No âmbito doméstico, sua posição firme frente ao Ocidente, principalmente em relação ao programa nuclear do país, garantiu-lhe muito apoio popular (El-Shenawi 2013). Internacionalmente, porém, Ahmadinejad é lembrado por suas declarações polêmicas, muitas envolvendo opiniões contrárias às liberdades civis e a favor da aniquilação do Estado de Israel. O legado do ex-presidente é, portanto, controverso.

Hassan Rouhani, eleito em 2013, é um político iraniano com uma extensa carreira, tendo atuado como parlamentar e como conselheiro da área de segurança em inúmeros órgãos estratégicos do governo nas últimas duas décadas (Menashri 2013, 9). Ao longo dos anos, desenvolveu uma proximidade pessoal com o aiatolá Khamenei, o que lhe permitiu o aval do último para conduzir negociações com o ocidente relativamente ao programa nuclear. Politicamente considerado como um moderado, o seu estilo de negociação gera menos conflitos com o Ocidente do que o do seu antecessor (cf. Bar-El 2014; Menashri 2013). Talvez por esse motivo, Rouhani é considerado como mais “confiável” pelos poderes internacionais. Além disso, a sua eleição parece ter sido motivada pela necessidade de resposta às dificuldades econômicas causadas pelas sanções que afetaram, principalmente, a parcela da população mais frágil do país. A situação econômica é, portanto, um dos principais desafios e uma das prioridades do atual presidente (Bar-El 2014; cf. Dehghan 2012; Menashri 2013, 16).

Resposta: Segundo este nível de análise, a personalidade do presidente foi bastante relevante para a decisão de prosseguir ou não com o programa nuclear. Enquanto que Ahmadinejad atribuiu tons religiosos e de justiça internacional à continuação do programa, mesmo que isso significasse o isolamento internacional do país; Rouhani capitalizou as novas tendências moderadas da sociedade, direcionando, assim, o país para um acordo. Sua abordagem representa, portanto, um posicionamento diferente daquele assumido por Ahmadinejad em relação à questão.

Sistema Internacional

Neste nível de análise, é essencial referir o isolamento internacional do Irã e as suas relações com os países vizinhos. A posse de uma arma nuclear é vista como uma ferramenta para alterar o status internacional do Irã de pária para um membro respeitado (ou temido) da comunidade internacional (cf. Chubin 2009, 167). Contudo, o país é visto como irresponsável por várias lideranças e, para estas, o país poderia utilizar as armas nucleares como uma demonstração de poder sem levar em conta as consequências (Sagan, Waltz & Betts 2007). Além disso, o Irã é visto com desconfiança pelos países

ocidentais desde a revolução de 1979, sendo que a doutrina Bush identificou o país como um dos maiores inimigos dos EUA e dos valores ocidentais (cf. Chubin 2009, 165). Quando o Iraque foi invadido em 2003, falava-se, também, da possibilidade de uma ação militar norte-americana em território iraniano, o que intensificou as conversas no governo iraniano sobre a necessidade de se nuclearizar (cf. Waltz 2012; cf. Chubin 2009, 173). O desenvolvimento desse programa tornou-se importante não apenas como uma reafirmação do projeto de liderança do país, mas também como garantia de que, ao contrário do Iraque, não seria invadido pelos EUA e seus aliados. Além disso, as ameaças constantes feitas pelos iranianos a Israel (Chubin 2009, 170-171) tornaram a discussão sobre o programa iraniano vital para o país judeu (Waltz 2012, 3); em particular devido às ameaças de “varrer” Israel da face da terra (Iran fires, 2016). Mas Israel não é o único país na região preocupado com a possibilidade de um Irã nuclear; as monarquias do Golfo¹¹ também temem a nuclearização do Irã e as consequências que isso poderia ter para a configuração de relações de poder na região (cf. Bazzi 2016; Smolczyk & Zand 2010). Questões históricas – como a ocupação iraniana de território emirati desde 1971 – e desconfianças mútuas decorrentes das diferenças de regime, subjazem a muitos destes problemas. De fato, os vizinhos do Irã como a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, preferem ‘absorver’ as consequências regionais de um ataque às instalações iranianas, a permitir que o país obtenha uma bomba nuclear (al-Otaiba 2010). O Irã, por seu lado, considera que os seus vizinhos na Península Arábica detêm um poder superior às suas capacidades devido precisamente às suas relações com EUA. Segundo a percepção iraniana, estas constituem um impeditivo aos projetos de poder regional do país (Barzegar 2010: 74-87). Além disso, o fato de que os seus vizinhos imediatos – Afeganistão, Paquistão e Iraque – têm tropas americanas nos seus territórios, exacerba também a sensação de insegurança. De referir que o Paquistão, aliado dos EUA, é ele também uma potência nuclear.

Entretanto, o desastre nuclear de Fukushima (2011) gerou medos reais acerca da segurança nas instalações iranianas. De fato, o reator iraniano de Bushrer fica localizado numa zona sísmica na junção de 3 placas tectônicas, e fica mais perto do Kuwait, Manama, Doha e Abu Dhabi do que de Teerã (Theodoulou 2013). Um outro receio é que este caia nas mãos de grupos terroristas espalhados pela região (Waltz 2012, 4).

Resposta:

O Irã insiste em manter o seu programa de pesquisa nuclear porque tem preocupações de segurança reais e porque sente que a eventual posse de uma arma nuclear lhe permitiria consolidar a posição hegemônica regional que o país entende que lhe cabe por sua história, cultura e dimensão geográfica. Os seus vizinhos na Península Arábica – Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, entre outros – veem o Irã shiita, republicano e revolucionário, como uma ameaça à estabilidade dos seus regimes sunitas.¹² A insistência no desenvolvimento do programa nuclear permite-lhe manter-se “relevante”, enquanto trabalha em prol de uma ordem internacional considerada mais adequada ao seu estatuto e interesses.

11 Os países conhecidos como monarquias do Golfo são a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, Qatar, Bahrain, Omã e Kuwait.

12 Aqui é perceptível o início da sobreposição com o nível estado.

Comentários finais

Como evidenciado pelo exercício acima, o programa nuclear iraniano presta-se particularmente a um exercício prático sobre os níveis de análise. A discussão acima é meramente exemplificativa, sendo que os materiais indicados para leitura possuem muito mais informação do que aquela que seria possível elencar aqui. Todos os níveis são relevantes para explicar a persistência da prossecução do programa nuclear, mas um tende geralmente a sobressair na aplicação do caso. Enquanto que nos anos da presidência de Ahmadinejad, os alunos tendiam à escolha do nível sistêmico (ou regional em turmas em que este nível era também incluído); desde 2015, o nível do indivíduo passou a ser considerado por eles como o mais relevante. Como o programa nuclear iraniano é um tema muito atual, é aconselhável que o(a) professor(a) verifique se as notícias aqui elencadas ainda são pertinentes em termos de conteúdo, dado que isso é essencial não só para a aplicação do caso, como também para estimular o interesse dos alunos. Neste sentido, um dos pontos a considerar é se efetivamente se manterá o acordo de 2015, o que pode alterar alguns dos materiais utilizados nos vários níveis de análise.

Em termos mais gerais e de replicabilidade, este caso prático apresenta uma estrutura que é facilmente aplicável a outros temas e conteúdos. Por exemplo, a questão do programa nuclear iraniano pode ser analisada sob a ótica de vários outros atores relevantes no caso, como a Arábia Saudita e os EUA. Um exemplo seria verificar o que significa o apoio ou oposição ao programa nuclear para cada um dos países, quando estruturado segundo os vários níveis. Em termos de conteúdo, este caso prático também se presta a uma maior (ou menor) complexificação em termos dos objetivos que são pretendidos e do número de alunos em sala de aula. Aumentar os níveis de análise (para sistema regional e economia, por exemplo), ou incluir debates mais complexos sobre ontologia e epistemologia dos níveis de análise são disso exemplo.

Referência Bibliográfica

- AL-OTAIBA, Yousef. “In conversation: UAE Ambassador Yousef al-Otaiba.” The Aspen Institute: The Aspen Ideas Festival, 2010, Disponível em: < <https://www.aspenideas.org/session/conversation-uae-ambassador-yousef-al-otaiba>>. Acesso em: 30 de Abril de 2017.
- ASHLEY, Richard K. “The poverty of neorealism”. *International Organization*, v. 38, n. 2, p. 225-286. 1984.
- ANOUSHIRAVAN, Ehteshami. MAHJOOB, Zweiri. “The Ahmadinejad Phenomenon”. In: *Iran and the Rise of its Neoconservatives: The Politics of Tehran’s Silent Revolution*. London and New York: I. B. Tauris, p. 49-72. 2007.
- BAR-EL, Zvi. A Year After His Election, Rohani Is Changing Iran Without Shaking It Up. *Haaretz*. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/middle-east-news/.premium-1.598619>>. Acesso em: 2 de março de 2017.

- BARZEGAR, Kayhan. "Balance of Power in the Persian Gulf: an Iranian View". *Middle east Policy*, v. 17, n. 3, p. 74-87. 2010.
- BAZZI, Mohammad. "Obama may be preaching 'tough love' to Saudi – but arms sales tell another story". *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/22/us-saudi-arabia-weapons-arms-deals-foreign-policy>>. Acesso em: 20 de Março de 2017.
- BUZAN, Barry. "The Level of Analysis Problem in International Relations Reconsidered". In: SMITH, Steve. BOOTH, Ken. *International Relations Theory Today*. University Park: Pennsylvania State University Press, p. 198-216. 1995.
- CARVALHO PINTO, Vânia. "Teaching gender within International Relations: Experiences from a Brazilian University Classroom". *Women, Gender and Research* 1. p. 32-42, 2016.
- CHUBIN, Shahram. "Iran's Power in Context". *Survival*, v. 51, n.1, p. 165-190. 2009.
- DEHGHAN, Saeed Khamali. "Sanctions on Iran: ordinary people are the target". *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2012/aug/10/sanctions-iran-ordinary-people-target>>. Acesso em: 1 de Março de 2017.
- EL-SHENAWI, Eman. Goodbye Ahmadinejad: Remembering the gaffes and diplomatic blunders. *Al-Arabyia English*. Disponível em: <<http://english.alarabiya.net/en/special-reports/iran-elections-2013/2013/06/13/Ahmadinejad-legacy-in-Iran-Economic-ruins-and-diplomatic-gaffes-.html>>. Acesso em: 01 de Março de 2017.
- GOLICH, Vicki L. "The ABCs of Case Teaching". *International Studies Perspectives* 1, p. 11-29. 2000.
- HOLLIS, Martin. SMITH, Steve. *Explaining and Understanding International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- HOLLIS, Martin. SMITH, Steve. "Beware of the gurus: structure and action in International Relations". *Review of International Studies*, v. 17, n. 4, p. 393-410. 1991.
- HOLLIS, Martin. SMITH, Steve. "Structure and action: further comment". *Review of International Studies*, v. 18, n. 2, p. 187-188. 1992.
- Hurrell, Andrew. "One world? Many worlds? The place of regions in the study of international society". *International Affairs* 83, n. 1, p. 127-146. 2007.
- INOUE, Cristina Y. A. KRAIN, Matthew. "One World, Two Classrooms, Thirteen Days: Film as Active-Teaching and Learning Tool in Cross-National Perspective". *Journal of Political Science Education*, v. 10, p. 424-442. 2014.
- JOINT COMPREHENSIVE PLAN OF ACTION [JCPA]. *US State Department*. Disponível em: <<https://www.state.gov/e/eb/tfs/spi/iran/jcpoa/>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.
- KATOZIAN, Homa. "The Iranian Revolution at 30: The Dialectic of State and Society". *Middle East Critique*, v. 19, n. 1, p. 35-53. 2010.
- KEOHANE, Robert. NYE, J. S. "Power and interdependence revisited". *International Organization*, v. 41, n. 4, p. 725-753. 1987.
- KRAIN, Matthew. "The Effects of Different Types of Case Learning on Student Engagement". *International Studies Perspectives*, v. 11, p. 291-308. 2010.

- LAMY, Steven L. “Challenging Hegemonic Paradigms and Practices: Critical Thinking and Active Learning Strategies for International Relations”. *PS: Politican Science & Politics*, v. 40, n. 1, p. 112-116. 2007.
- LANTIS, Jeffrey S. KILLE, Kent J. KRAIN, Matthew. “The State of the Active Teaching and Learning Literature”. In: DENEMARK, Robert A. *The International Studies Encyclopedia, Volume X*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 6574-6592.
- MENASHRI, David. “Hassan Rouhani: Iran’s New Hope for Change.” *Strategic Assessment* v. 16, n. 2, p. 7-21. 2013.
- MORGAN, A. L. “Toward a Global Theory of Mind: The Potential Benefits of Presenting a Range of IR Theories through Active Learning”. *International Studies Perspectives*, v. 4, p. 351-370. 2003.
- MOUL, William B. “The level of analysis problem revisited”. *Canadian Journal of Political Science*, v. 6, n. 3, p. 494-513. 1973.
- PETERSON, Sabrina M. “Iran’s deteriorating economy: an analysis of the economic impact of Western sanctions”. *International Affairs Review*. Disponível em: <<http://www.iar-gwu.org/node/428>>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2016.
- PUTNAM, Robert. “Diplomacy and Domestic Politics: The Logic of Two-Level Games”. *International Organization*, v. 42, n. 3, p. 427-460. 1988.
- ROSENAU, J. N. “Pre-theories and theories of foreign policy”. In: FARELL, R. B. *Approaches to Comparative and International Politics*. Evanston: Northwestern University, 1966. p. 27-92.
- SAGAN, Scott. WALTZ, Kenneth. BETTS, Richard K. “A Nuclear Iran: promoting stability our courting disaster?”. *Journal of International Affairs*, v. 60, n. 2, p. 135-150. 2007.
- SINGER, J. David. “International Conflict: Three Levels of Analysis”. *World Politics*, v. 12, n. 3, p. 453-461. 1960.
- SINGER, J. David. “The Level-of-analysis Problem in International Relations. *World Politics* v. 14, n. 1, p. 77-92. 1961.
- SMOLTCZYK, Alexander. ZAND, Bernhard. “A quiet axis forms against Iran in the Middle East”. *Spiegel Online*. <<http://www.spiegel.de/international/world/persian-isolation-a-quiet-axis-forms-against-iran-in-the-middle-east-a-706445.html>>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2016.
- COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS (CFR). “Statement by Mahmoud Ahmadinejad before the 2010 NPT Review Conference Council on Foreign Relations”. Disponível em: <<http://www.cfr.org/iran/statementmahmoudahmadinejadbefore2010nptreviewconference/p22041>>. Acesso em: 3 de Novembro de 2016.
- TEMBY, Owen. “What are level of analysis and what do they contribute to international relations theory?”. *Cambridge Review of International Affairs*, v. 28, n. 4, p. 721-742. 2015.
- THE INDEPENDENT. “Iran fires two missiles marked ‘Israel must be wiped out’”. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/iran-fires-two-ballistic-missiles-marked-israel-must-be-wiped-out-a6920741.html>>. Acesso em: 1 de Março de 2017.
- THE INDEPENDENT. “Iran nuclear deal won’t change policy towards US, says ayatollah Khamenei”. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/jul/18/iranian-nuclear-deal-change-policy-us-ayatollah-ali-khameini>>. Acesso em: 1 de Março de 2017.

- THEODOULOU, Michael. “Iran to build more nuclear reactors in Bushehr quake zone”. *The National*. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/news/world/middle-east/iran-to-build-more-nuclear-reactors-in-bushehr-quake-zone>>. Acesso em: 3 de Novembro de 2016.
- WALTZ, Kenneth. *Man, State & War: A Theoretical Analysis*. New York: Columbia University Press, 1959.
- WALTZ, Kenneth. *Theory of International Politics*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1979.
- WENDT, Alexander. “The Agent-Structure Problem in International Relations Theory”. *International Organization*, v. 41, n. 3, p. 335-370. 1987.
- WALTZ, Kenneth. “Why Iran should get the bomb: nuclear balancing would mean stability.” *Foreign Affairs*. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/iran/2012-06-15/why-iran-should-get-bomb>>. Acesso em: 3 de Novembro de 2016.
- WAEVER, Ole. “The rise and fall of the inter-paradigm debate”. In: SMITH, Steve. BOOTH, Ken. ZALEWSKI, Marysia. *International Theory: Positivism and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 149-185.
- WENDT, Alexander. “Bridging the Theory/Meta-Theory Gap in International Relations”. *Review of International Studies*, v. 17, n. 4, p. 383-392. 1991.
- WENDT, Alexander. “Level of Analysis vs. Agents and Structures: Part III”. *Review of International Studies*, v. 18, n. 2, p. 181-185. 1992.
- WILLIAMS, Tripp. “What Khamenei’s approval of the nuclear deal means for Iran’s political future”. *Global Risk Insights*. Disponível em: <<http://globalriskinsights.com/2016/03/what-khameneis-approval-of-the-nuclear-deal-means-for-irans-political-future>>. Acesso em: 3 de Fevereiro de 2017.
- YURDUSEV, Nuri. “Level of analysis and ‘unity of analysis’: a case for distinction”. *Millennium*, v. 22, n. 1, p. 77-88. 1993.